

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão 50 — Lisboa.

1 DE MARÇO DE 1910

N.º 267



*Edmond Rostand*

(Auctor do «CHANTECLER»)

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

«Chantecler». Um acontecimento mundial. Edmond Rostand. Uma lenda que se mantém dez annos e que se converte n'uma bella realidade. O que foram esses dez annos de reclamo a «Chantecler» e a Rostand. Os assaltos à defesa casa de Cambo. Uma deliciosa mystificação. A grande França. Ella impõe ao mundo o seu poema e o seu poeta. O que por lá vai. O prologo e o primeiro acto de «Chantecler». Impressões.

Chantecler é um acontecimento mundial. Rostand é um nome proferido por todas as boccas. Em toda a parte se pensa em Chantecler — que será Chantecler? Quando veremos Chantecler? — Em



CHANTECLER (actor Guitry)

toda a parte se fala de Rostand — o grande poeta que faz versos de ouro, o grande poeta que vendeu os direitos de edição, só da edição, da sua peça, por um milhão de francos — duzentos contos de réis, oh gentes!

Chantecler e Rostand encheram toda a ultima quinzena. Occuparam-a completamente, não deixando margem para outros acontecimentos, para outro nome. Na França, em toda a parte.

Converteu-se ha dias n'uma realidade o que, durante dez annos, foi uma lenda — Chantecler. E tão bem urdida foi a lenda, tão artistica, tão paciente, tão cabotinamente urdida, que a première de ha dias resultou uma doce realidade para Mr. Rostand, o auctor, para Hertz e Coquelin, os empregarios. Cantou emfim, o gallo, atacado de gôgo ha tantos annos. E esse cô-cô-rô-cô repercutiu em todo o mundo, mal Guitry o regougou nos bastidores da Porta Saint-Martin. E todos os gallos em suas capoeiras responderam — cô-cô-rô-cô! — saudando vaidosos Chantecler, Mr. Rostand, os empregarios — a França inteira, caramba!

Ha dez annos — repisam as chronicas de ha dez dias — Edmond Rostand começou a trabalhar no Chantecler, fechado a sete chaves na sua linda casa à maneira basca, cujos eccos repetiam os alexandrinos de ouro recitados em horas de febre pelo encantador poeta à medida que os compunha. Logo se quiz saber o que seria Chantecler. Rostand cercara-se e à peça de um grande mysterio — para que a curiosidade aguilhoada da imprensa europeia tentasse por todas as maneiras desvendár o grande segredo de Cambo. Deu resultado o *truc*. Estes *trucs* dão sempre resultado. Centenas de jornalistas e photographos tentaram transpor os humbraes da portada de Cambo. Baldadamente. Um jardineiro, com grande ar de mysterio apenas proferiu estas palavras: — meu amo e poeta não recebe ninguém! Redobrou a astucia dos assaltantes que puzeram em pratica

as idéas mais extraordinarias para conseguirem avistar-se com o poeta, arrancar-lhe o seu segredo. Um conseguiu ver o filho de Rostand, que passeava no grande parque com um cão. Pst, pst! Olhe lá, seu pae?... — Rostand Junior parou um momento, olhou o cão e por fim respondeu: — Meu pae pensa! E desapareceu. Depois foi madame Rostand, assaltada ao subir para uma carruagem. — Minha senhora, seu marido?... Madame, um todo nada sphyngge, cortou a phrase importuna: — Edmond trabalha... E a carruagem partiu rapida envolta n'uma nuvem de poeira.

Os reporters não desesperaram, porque os reporters nunca desesperam. Nada sabiam? Que importava isso! Diriam tudo... quanto lhes acudisse à prodigiosa phantasia. Assim, um sabiu-se com esta: Manhã agreste de outomno. O vento sacode furiosamente a frança dos arvoredos do parque. Nos canteiros altos, as floritas são desfolhadas pela ventania impiedosa. O céu escurece. Chuva. A principio, pingo agora, pingo logo. Depois um verdadeiro diluvio. O vento assobia nas folhagens açoutadas. A agua cae a cantaros. N'isto, Rostand deixa em meio um alexandrino, corre ao parque com a calva cabeça descoberta e sob aquelle diluvio e no meio de um redemoinho de folhas e de petalas, exclama com os braços erguidos ao céu — *Quelle merveille! Quelle merveille!*

Outro viu Edmond passeando agitadamente no parque, escrevendo versos n'um pequenito  *carnet*  cujas folhas rasgava mal as enchia, atirando-as ao chão. Madame Rostand, que seguia o poeta, apressava-se a levantar os preciosos autographos e numerava-os... Nos grandes lagos de aguas placidas, os cysnes vogavam serenos, promptos a sacrificarem-se, dando o seu canto para algum final de acto mais fraco...

Coquelin, o velho actor, visitava a miude o poeta. Fechavam-se os dois. Impossivel saber-se o que conversavam. Coquelin voltava a Paris e por mais que o apertassem com perguntas nada dizia. Pois bem. N'uma bella manhã, um diario parisiense contava que M. Coquelin se levantava à meia noite para ouvir cantar os gallos...

Depois veio a pleurisia, a famosa pleurisia do poeta Rostand. O que essa pleurisia rendeu em reclamo a Chantecler? Quasi tanto como a morte do velho actor, que julgava vir a ter o seu canto de cysne n'esse canto de gallo!

E a substituição de Coquelin? E a questão Le Bargy-Claretie? E as negociações com Guitry? E a ballada de Emilio Bergerat? Oh, só essa ballada!...

Bergerat, poeta insigne em versos de rimas rebuscadas, enviou uma ballada anonyma (pois então não havia de ser anonyma!) ao poeta. D'essa ballada, que é um primor, destaco a primeira estrophe como amostra:

D'un Gave — j'emprunte à Nisard  
Ses périphrases gangrenées  
De lieux communs — en saut d'isard  
Un bruit de rimes égrenées  
Qui semblent du zéphire nées  
Sur le vent de l'arcqu'Eros tend  
Nous arrive des Pyrénées:  
C'est l'atelier d'Edmond Rostand



FAÍSÔA (m.<sup>me</sup> Simone)

Rostand, que adivinhou logo o auctor da preciosa ballada, respondeu:

Chacun se demande: «Ah! ça qui  
Traite la muse, altière sphynge  
Comme un sultan son assaki?  
Sur les trus de quelle photinge,  
Aux cordes de quelle phorminge,  
Fit-on qu'un tel arpegé erra?»  
Ne vous foulez pas la méninge:  
La ballade est de Bergerat.

Assim, grandes poetas, obscuros jornalistas, amigos, artistas, empregarios, durante annos crearam adensaram mais e mais até a tornarem perturbante, a atmospheria de mysterio que envolveu a

## NA LIGA NAVAL PORTUGUEZA. — Secção Oceanographica D. Carlos I



Um aspecto da sala III

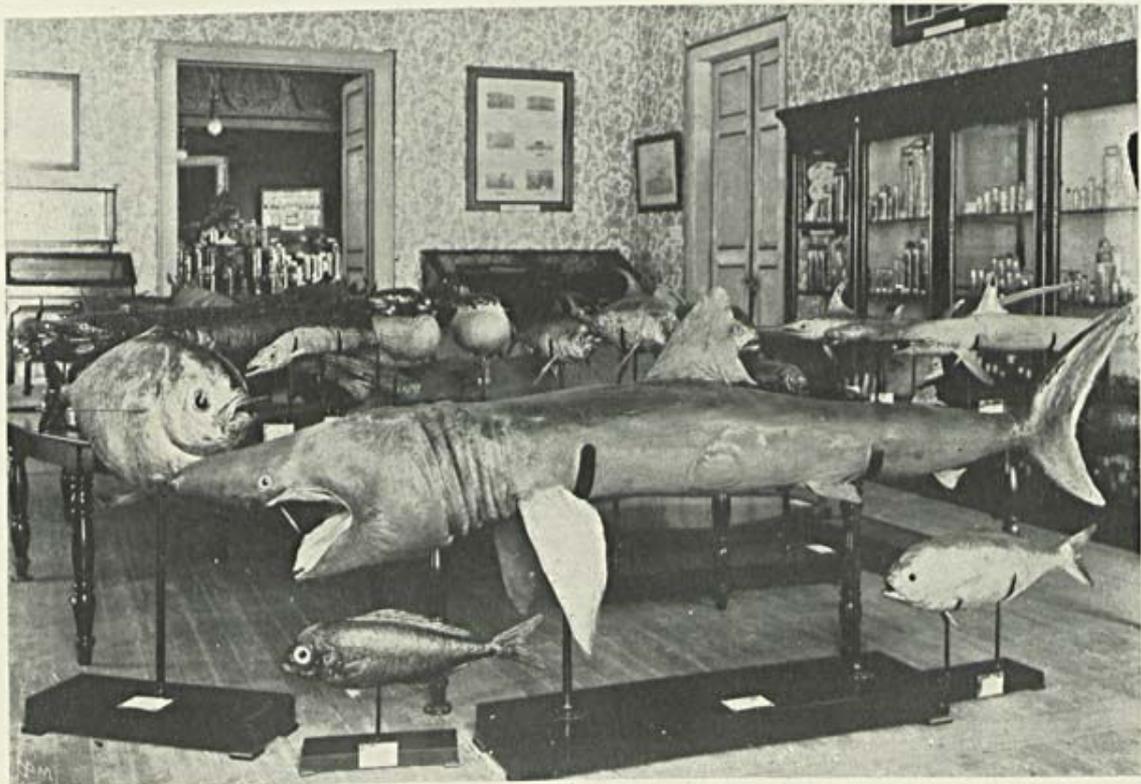
Um decreto recentemente publicado determinou a criação d'um Museu de Marinha destinado a reunir tudo quanto interesse á moderna evolução das industrias marítimas e sciencias navaes, á commemoração da nossa antiga tradição, ao desenvolvimento das pescarias nacionaes, etc.

Uma das secções d'esse Museu é a Secção Oceanographica D. Carlos I da qual publicamos alguns aspectos, inaugurada na Liga Naval em 17 do mez findo e formada com as magnificas collecções do fallecido monarcha que lhe deu o nome. Esta secção vaee continuar as investigações scientificas de El-Rei D. Carlos, concluir as classificações e publicar os trabalhos ineditos.

elaboração d'essa obra d'arte que ora se representa na Porte Saint-Martin com enchentes collossaes e lucros fabulosos.

Que gente, que raça! Esses francezes! Patriotas até á medula.

Quizeram impôr ao mundo o seu Chantecler e o seu Rostand e impuzeram, não ha duvida. O Chantecler é um successo retumbante porque a França inteira mais que Rostand n'elle trabalhou. Essa



Na Liga Naval Portugueza. — SECÇÃO OCEANOGRAPHICA D. CARLOS I — Sala onde estão expostas as principaes especies abyssaes e pelagicas

(Clichés de A. C. Lima).

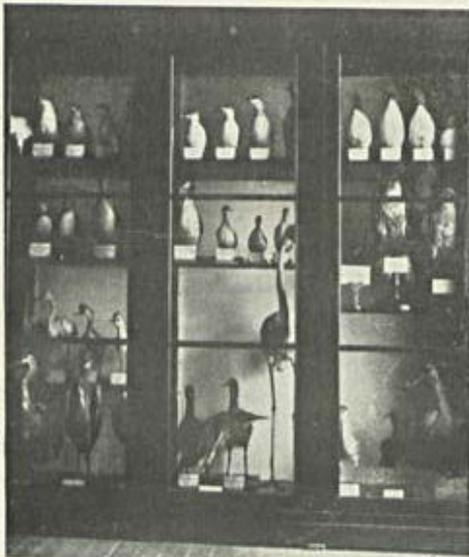
França, esses francezes... grande povo! E' de vêr a loucura que por lá vae em volta do singular poema do poeta de Cambó. *Chantecler! Chantecler!* Este grito parte de todas as boccas com entusiasmo, com unção. O exito de *Chantecler* é, para os francezes, a honra da França. E' vêr, é vêr o que por lá vae!

A grande moda é alli em tudo e por tudo *Chantecler*. As senhoras usam nos chapéus uma cabeça de gallo com crista escarlate e um pennacho de pennas da mesma ave. Nas lojas vendem-se chapéus de chuva e bengalas tendo por castão uma cabeça de gallo cujos olhos são formados por duas pedras vermelhas. Ha tambem gravatas á *Chantecler*, gravatas á Rostand—uma *écharpe* com cabeças de gallo bordadas a seda. Nas galerias do Palais Royal é o chronometro *Chantecler*, intitulado relógio nacional, tendo esta divisa: *Despertemos!* Nas caixas de prata um gallo canta no meio de espigas e de fructos, symbolisando o verão. No mostrador está escripto: *Ma gloire est au zenith, reveillons-nous!*

O prestigio de Lucien Guitry, o interprete do *Chantecler*, que era enorme, não conhece agora limites. Leio n'um jornal este caso engraçado. Ha dias, n'um restaurante *chic*, ceavam dois individuos em companhia da compositora Geo Claret. Na mesa proxima, servido pelo mesmo creado, estava sentado Lucien Guitry. Terminada a refeição, sahiu. Então o creado, approximando-se dos outros freguezes, com o ar mais solemne, apresentou-lhes o queijo de que o grande actor acabava de servir-se, dizendo-lhes:—Guardei-lhes este bocado... E' do sr. Guitry!

Ha dois dias que a *Ilustração* me trouxe o prologo e o primeiro acto de *Chantecler*. Horas depois eu tinha feito a primeira leitura. Reli. Não me parece que os jornaes tivessem razão quando disseram que o *Chantecler* era uma obra patriótica. Creio antes, pelo que d'ella conheço, tratar-se de uma soberba satyra. Apenas uma satyra, feita em versos na maior parte magnificos, de mistura com alguns outros fracos. Por exemplo, o ultimo verso da ode ao Sol. E' fraquissimo, não correspondendo á elevação da ideia.

Versos admiraveis ha-os n'esse acto em barda. Como Rostand os



Na Liga Naval Portugueza

SECÇÃO OCEANOGRAPHICA D. CARLOS I—*Aves maritimas*

sabe fazer. Mas convenhamos em que aem todos elles são admiraveis. Depois, no *Chantecler*, Rostand não é o lyrico da *Samaritaine* dos Romanesques. No *Chantecler* a ironia—esplendida!—sobrepõe o lyrismo. Por isso eu repito: pelo que da peça conheço parece-me tratar-se de uma satyra e não de um poema patriótico.

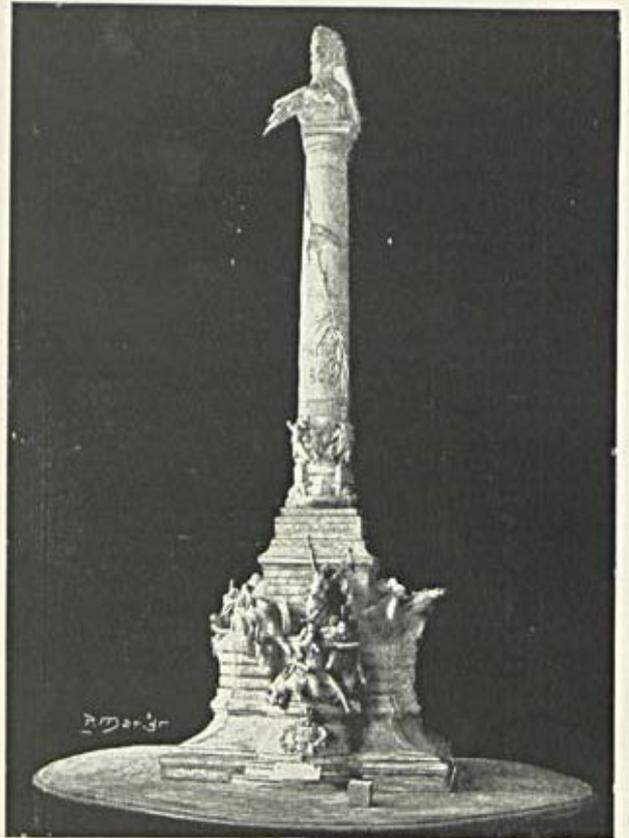
Uma peça de theatro, o *Chantecler*? Não, não é. Um esplendido, um delicioso poema, em versos d'ouro, que são o encanto de quem os lê, por mal que os leia, e que devem ser uma delicia na bocca de Guitry, da linda Simone, do travesso Galipeaux, do proprio Jean Coquelin. Com esse factor contou Rostand, como primeiro. Depois o guarda-roupa. Deve ser um deslumbramento. E o exotismo do scenario, dos adereços, dos pertences, o exotismo de tudo aquillo! E depois... e depois... dez annos de reclamo!

Rostand soube jogar a arriscada cartada, isso soube. Mas eu estou com o sr. Brisson que diz no seu ultimo folhetim theatral que o reclamo ao *Chantecler* foi bom monetariamente para Rostand, mas que lhe ha-de ser pessimo moralmente.

Em todo o caso os quinhentos contos que Rostand, até agora recebeu por conta do *Chantecler* já lhe permitem supportar os inconvenientes do proprio cabotinismo e até do collectivo. *Elle é bem mau...*

CAMARA LIMA.

## Centenario da Guerra Peninsular



Projecto do monumento destinado a commemorar no Porto as façanhas da Guerra Peninsular



J. Marques da Silva  
Architecto

Coube aos srs. Marques da Silva, architecto, e Antonio Alves de Sousa, escultor, o primeiro premio, equivalente á adjudicação, no concurso aberto na Porto para o monumento destinado a commemorar n'esta cidade os feitos praticados pelo povo e pelo exercito portuguez durante a guerra da peninsula.

A nossa photographia representa a maquette premiada.



Antonio Alves de Sousa  
Escultor

E' uma elevada columna de granito tendo ao cimo um leão, symbolo da força popular, dominando os impetos da aguia napoleonica, insignia dos exercitos francezes d'esse tempo. O fuste terá inscripção e datas de batalhas entre louros. Em volta do monumento, no seu pedestal, observam-se magnificas esculturas em bronze representando a lucta popular e a lucta militar em defeza do territorio da patria, formando massas humanas semelhantes a grandes blocos defensivos. Ornando o monumento veem-se tambem os generaes do exercito portuguez Silveira, Bernardino Freire, Champaliman e Ebben.

De um livro que vaé sahir do préio, côm o título abaixo, e que é um estudo perfeitissimo da politica portugueza, publicamos hoje um trecho suggestivo. Firma-o Abel Botelho, que consagra n'este novo trabalho as suas potentes qualidades de romancista, o seu poder de observação, e, n'uma linguagem sempre primorosa, os seus dotes de escriptor. Graças á gentileza do romancista, é o *Brasil-Portugal* a primeira publicação que offerece a leitores portuguezes algumas paginas do romance, anciosamente esperado.

## Prospero Fortuna

Quando sentiu a porta rodar, o ministro voltou-se, affavel, sorridente, n'um ar de amistosa negligencia, e colheu com affectada effusão o abraço que Prospero correu a passar-lhe por cima dos hombros. Emquanto este, n'uma theatral commoção, com a voz dôce, tremulamente puxada do intimo:

— Meu querido Ancêde! como estás tu? ...  
— Ora graças a Deus! ... — respondeu alto o ministro, ruidoso e expansivo, batendo-lhe nos rins uma palmada.

Prospero endireitou-se, afastou-se um pouco, e n'uma cariciosa suspensão, n'um accento de voz timidamente insinuante, aventurou, leve descaído o busto sobre a mēsa, fitando a sorrir o amigo:

— Estás muito zangado comigo? ...  
— Por não me teres ainda procurado? ... Isso estou!  
— Não... por aquella coisa do jornal... Tens lido?  
— Todos os dias! Felicito-te...  
Mas Prospero sacudiu o cumprimento, n'uma visagem molesta,

como quem n'elle presentira uma ironica allusão, e com crescente intimativa, n'um gesto vivo, abundante quasi de supplica:

— Não, não quero que fales assim! Perdôa-me... Bem vês, o jornal não é meu. Tens levado a mal?... Dize! sinceramente.

Ponderoso, importante, n'um generoso mover dos hombros, o Ancêde tranquillisava-o:

— Importa-me lá! ... Governa a tua vida, meu rapaz!  
— Apareceu-me de repente, caiu-me do céu aquelle arranjo... e eu preciso. De sorte que...

— Não digas mais! Sei que és meu amigo...  
— E sou!... E d'isso venho dar-te uma prova. Palavra de honra!

— Obrigado... Olha, espera um instante, deixa-me acabar o despacho. — Ageitou, mesmo á sua ilharga, uma cadeira. — Sentate. Não é segredo... Nós já falamos.

E emquanto Prospero se sentava, o Ancêde ergueu para a desmantelada mumia em frente affavelmente os olhos.

— Desculpe esta interrupção, meu caro conselheiro... Estou ás suas ordens.

— A's ordens de v. ex.<sup>a</sup>, eu! — corrigiu reverente o archaico director-geral, n'uma inteiriça mesura. E com a sua burocratica equipagem na mão, mesmo ao lado de Prospero, aproximando-se: — Já não faltam senão duas coisas.

— Bem! vamos lá a vêr...  
O empertigado velho pôz deante do ministro um heteroclito masso de papeis, de todos os tamanhos, feitos, côres, atarraxados n'uma grande brocha amarella, e explicou gravemente, sustendo os nos dedos tremulos:

— Isto é aquella pretensão em que v. ex.<sup>a</sup> me falou hontem... o pedido de adeantamento de seis mēzes de subvenção, feito pela empresa do caminho de ferro de Arganil.

— E então?... — indagou com interesse o ministro.  
— Na minha opinião, não pôde ser. Nunca se fêz... E' o diabo!

— Estudou bem a questão?  
— Supponho que sim. E v. ex.<sup>a</sup> pôde verificar... Aqui tem todo o processo.

## Exposição de pintura de ar livre



(Cliché de J. Benoit).

Primavera e outomno

Quadro de Trigo

Na galeria Bobone tem estado aberta ao publico uma interessante exposição de pinturas de ar livre, onde em numero de cinquenta se admiram telas esplendidas de Carlos Reis, João Trigo, Antonio Saude e Alves Cardoso.

Embora a photographia esteja longe de poder representar a pintura porque lhe falta o colorido e por isso uma parte da vida, aquelles dos nossos leitores que por estarem longe da capital não podem visitar a magnifica exposição tem nas nossas gravuras uma idea d'esta evidente e superior manifestação da nossa vida artistica.



Exposição de pintura de ar livre  
Uma rua em Picalhos (villa da Feira)

(Cliché de J. Benolle). (Quadro de Antonio Sande)

O ministro procurava com embaraçada precipitação qualquer coisa entre a promiscua desordem dos pequenos papeis que tinha esparsos sobre a mēsa. — Era uma carta, que elle releu d'um folego, com attenta avidéz, como que a confirmar-se... depois do que, demandando novamente o duro olhar do director-geral, e n'um tom de mansa e implorativa obstinação, suavemente:

— Mas eu tenho empenho em ser agradável a essa gente... Conselheiro! veja lá...

— Não ha verba! — sentenciou duramente o interpellado, batendo com o lapis sobre a mēsa.

O ministro vibrou a um soffreado repellido de contrariedade, que não escapou a Prospero; e preso n'uma vaga hesitação, folheava o volumoso cartapacio, irresoluto, distrahido... Até que, n'um gesto de altaneira decisão, chamou a si o caderno, tomou a penna, escreveu-lhe breves palavras ao alto, e com altiva firmeza d'esta vèz despachadamente:

— Prompto! ahi tem a minha auctorisação. Agora o resto é comsigo e com a contabilidade. — Voltava ladi-

namente a sorrir. — Lá se avenham... comtanto que os homens recebam breve o dinheiro! Entendeu?...

— V. ex.<sup>a</sup> manda...

E com evangelica submissão, hirta e imperturbavel, aquelle hieratico personagem do lado, sem uma palavra mais, colheu das mãos do ministro o caderno, que arrumou methodicamente para um monte de papeis á parte, sobre uma cadeira. Depois compôz os oculos, devagar; e de novo a avançar para o ministro com outro papel, — um singelo officio, com a corôa real a oiro, em papel assetinado.

— Agora aqui tem v. ex.<sup>a</sup> aquella reclamação urgente de obras na Ajuda.

— Sim! sim... Isso tem que se fazer! — acudiu com vivacidade o Ancêde.

— Mas em que bases? valha-nos Deus!... — contrariou o velho, respeitosa. — Com que auctorisação, dentro de que limites, por que capitulo? Como?...

— Homem! então não bastará a minha ordem verbal?

Ante a sobranceira impaciencia do ministro, o inabalavel phantasma abanou negativamente a cabeça. Prospero seguia com regada attenção o episodio. E então viu implacavelmente o estirado velho sempre contrariando:

— Precisava-se, pelo menos, um orçamento.

— Ora! orçamento... Que tempo isso não leva!

— Peço perdão a v. ex.<sup>a</sup>... mas é o direito. Eu a'cho indispensavel.

Novo assomo de impaciencia do Ancêde, que, instinctivamente vexado, se voltou com bonhachona familiaridade para Prospero, a derivar:

— São temiveis estes senhores burocratas com os seus empecilheiros formalismos! vés tu? — E decidido e sério, para o implacavel ancão: — O Paço está fóra d'essas exigencias, conselheiro. E de lá reclamam-me a obra com urgencia. — que demonio!

Mas ainda friamente o director-geral repisava:

— E tem que se fazer uma portaria.

— P'ra quê!?... Nada, nada, tudo isso são delongas. Olhe! mande já gente p'ra lá: que vão fazendo... E depois, quando se fechar a conta, publica-se então a portaria auctorisando a obra.

Por banda do fleumatico espectro, a mesma hirta e muda acquiescencia, seguida do mesmo meticuloso acamar de mais aquelle papel sobre os outros.

— Mais nada?... — interrogou, em ar de quem despede, o ministro.

— Aqui nada mais tenho, não... snr. visconde. Mas ha ahi uma coisa realmente importante a resolver! Se v. ex.<sup>a</sup> quizesse?...

— O que é?...

— O projecto sobre a crise do Douro... — O ministro teve um irreprimivel gesto de enfado. — Está prompto... com a opinião favoravel das estações superiores, o problema financeiro resolvido... o meu parecer...

— Isso agora não!

— Comtudo é um assumpto de resolução urgente. O Norte agita-se... os jornaes não se calam...

— Sabidas manobras *tratandistas*, tudo isso... Não tem importancia!

— Esteve ahi a pobre Nobrega...

— Outro dia, outro dia, conselheiro! — confirmou aborrecido o ministro, agitando a mão deante dos olhos. — Não me sinto hoje com cabeça para estopadas! — E n'uma attenciosa concessão, sorrindo; — Se isto o não contraria?

— Contrariar?...

De modo nenhum!

— desviou graciosamente o interpellado.

— Sei muito bem manter-me dentro das automaticas funções do meu cargo. — E colhendo de sobre a cadeira e sobraçando o gôrdo montão de papeis, fleumaticamente: — Sigo n'este ponto o prudente conselho de meu avô, quando da minha iniciação por estas casas...

— Que conselho foi?

— Uma conceituosa maxima que p'ra meu uso constante elle me ensinou, quando por sua intervenção fui nomeado amanuense. Vale um tratado. Condensa todo o codigo do functionalismo official. Resume todo o formulario preciso para a nossa mais discreta



(Cliché de A. C. Lima).

Exposição de pintura de ar livre  
Em dia de festa

Quadro de Alves Cardoso



Exposição de pintura de ar livre  
*Dia cinzento*  
 Quadro de Carlos Reis

e sabia conducta no que toca ás nossas relações com o Estado. E' seguro e é commodo...

— Como é, como é, conselheiro? .. Diga lá!

— Pois não sabem? .. E' simplesmente isto... "Muita obediencia e pouca diligencia."

ABEL BOTELHO.

N'um barbeiro d'aldeia:

O Figaro, preparando-se para barbear um freguez, cospe repetidas vezes no pincel do sabão.

— Então que diabo de porcarias é essa?

— É por ser v. s.ª, porque nos outros freguezes não estou com estas coisas. Cuspo-lhes na cara, que é muito mais rapido!

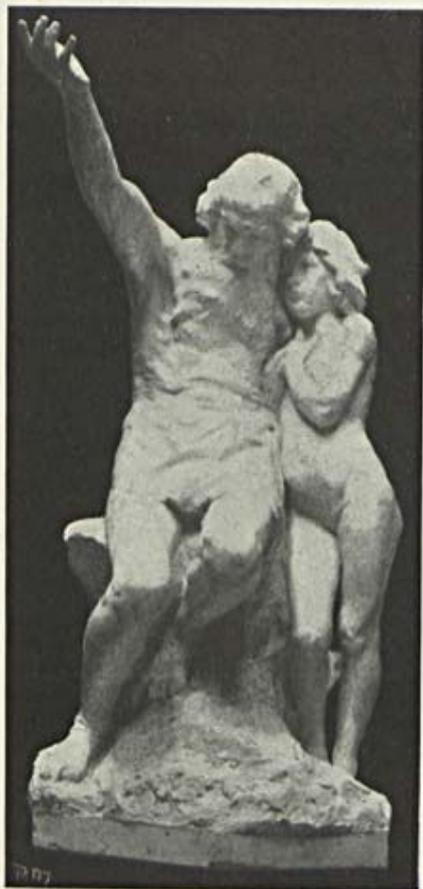
## Exposição annual dos alumnos de Bellas Artes



(Cliché de A. C. Lima).

Baixo relevo em gesso, do alumno J. Pereira

Na Academia de Bellas Artes de Lisboa tem estado patentes ao publico as provas escolares dos respectivos alumnos. Grande é a quantidade de trabalhos que alli se admiram, sendo alguns dignos de menção, como a escultura de Anjos Teixeira e o quadro de Guilherme de Santa Ritta, e ainda outros que as nossas gravuras representam.



Exposição annual dos alumnos de bellas artes

(Cliché de J. Benolle). Esculptura de Anjos Teixeira

## Nas Laranjeiras

Nas Laranjeiras do conde de Farrobo houve festas que rivalisavam com as de Versalhes de Luiz XIV, alumiadas pelo genio de Molière, pelos versos de Quinault e pelas melodias de Lulli, e a que davam prestigio seductor Mesdemoizelles de Rohan e Liancourt, e a belleza soberana de Madame Longueville e de Madame de Montemart.

Nas Laranjeiras do conde de Farrobo reuniu-se durante vinte annos quanto havia de mais distincto em Lisboa pela elegancia, pelo talento, pela riqueza. Estadistas como o duque de Palmeira, barão da Ribeira de Sabrosa e Silva Carvalho; poetas como Almeida



Exposição annual dos alumnos de bellas artes

*O Edipo*

Quadro de Guilherme de Santa Ritta

(Cliché de A. C. Lima).

Garrett e Bulhão Pato; oradores como José Estevam e Manuel Passos, *maestros e dilletanti, dandys* e senhoras espirituosas divagaram descuidosamente pelas avenidas magnificas, pelos salões deslumbrantes. Reis e principes assistiram a mais de uma d'essas festas magnificas, que a opulencia e o bom gosto do conde de Farrobo tornaram afamadas entre as mais grandiosas da Europa.

No theatro das Laranjeiras brilharam os chistes delicados de Beaumarchais e de Scribe, realçados (e com que poder de genio!) pelas harmonias vivas e scintillantes de Rossini, Donizetti e Auber.

Foi á luz da ribalta d'aquelle palco que resplandeceram a formosura e o talento de senhoras, a quem cingia a frente a dupla grinalda do espirito e da mocidade.

Dando conta da representação da peça *Um serão nas Laranjeiras* no theatro de D. Maria, o *Diario de Noticias* disse:

"N'esse *Serão das Laranjeiras*, a parte altamente esthetica, faustosa, unica, que celebrizou as festas das Laranjeiras, desaparece por completo em rapidas phrases de adulterios, de amantes, de traições e perfidias, como se aquelles salões, onde devia de certo ter passado um ou outro amor livre — não fossem mais do que uma casa de protecção a idyllios prohibidos e paixões criminosas."

Garrett, que figura na peça como um Petronio peralvilho e femieiro, illuminou com o seu genio as festas das Laranjeiras, como Goethe as da cõrte de Weimar.

Não se percam as illusões, o unico capital de felicidade que Deus concedeu á imaginação do homem...

VISCONDE DE S. BOAVENTURA.

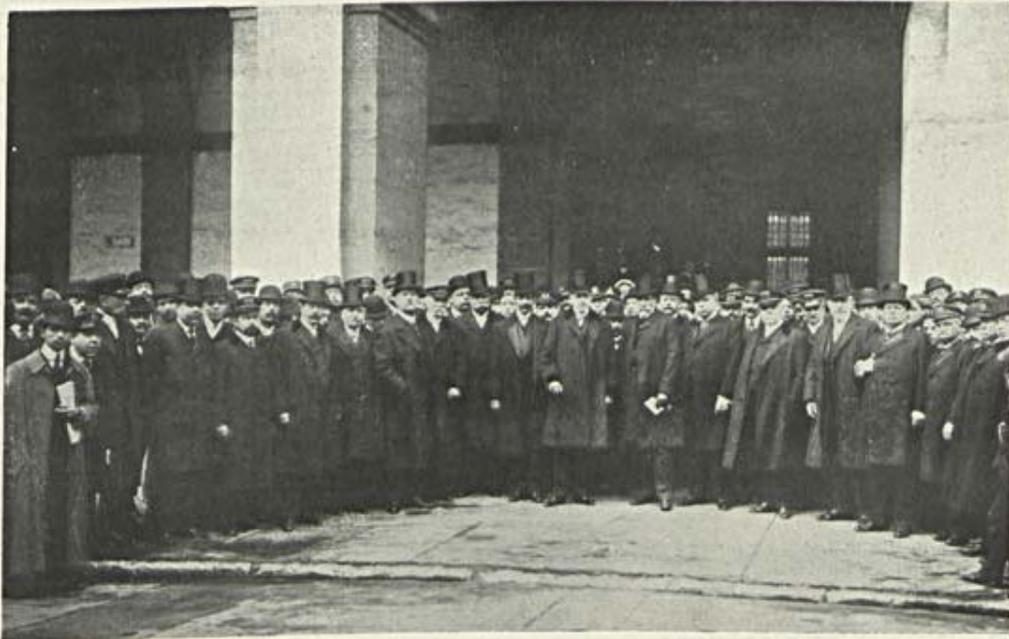


(Cliché de A. C. Lima).

Exposição annual dos alumnos de bellas artes

Estudo de paisagem do alumno Ayres

## Visita de El-rei á Alfandega de Lisboa



No claustro da Alfandega. — Sua Magestade e os funcionarios aduaneiros

## Educação pela sensibilidade



As antigas theorias sobre educação baseavam-se quasi todas no principio da contrariedade da sensibilidade.

A creança deixava o berço, e desde logo começava a ser contrariada.

Se levada pela sua mobilidade infantil perturbava com seus passitos a tranquillidade patriarchal, era presa a uma cadeira e ameaçada de maior contrariedade, caso rompesse a prisão.

Se á mesa mostrava desprazer por uma determinada iguaria, era esta escolhida

para a contrariar até vencer toda a repugnancia. Se á creança desagradava um vestido, era tida como boa educadora a mãe que fizesse com que ella deixasse de cumprir a sua vontade.

D'este modo se procedia em todas as manifestações das creanças, procurando embotar-lhes o mais possivel a sensibilidade e contrariar-lhes a vontade.

Será util e vantajoso este processo educativo?

Quanto mais desenvolvidos forem os sentidos tanto mais delicadas serão as sensações e melhor se libertará a sensibilidade humana do animal.

Por este systema educativo chega-se á formação de individuos subalternos sem vontade, nem energia, nem personalidade.

Uma boa orientação educativa deve basear-se no conhecimento da natureza humana e todas as inclinações pessoas se firmam no amor proprio, que em relação ao corpo se chama o amor do bem estar.

Não se deve porem cair no defeito opposto á contrariedade systematica

Precisa a creança de ter conhecimento de que, na vida activa que tem de desenvolver depois de sahir da escola, encontrará muitas contrariedades ao desenvolvimento da sua actividade. E' necessario levar a creança, logo que chegue a um estado de raciocinio, á convicção de que uma ou outra vez terá necessidade de soffrer calor ou frio, fome ou sede, etc., e que estas contrariedades não a auctorisam a afastar-se do cumprimento dos seus deveres.

Deve ensinar-se a creança a evitar tudo o que lhe possa causar damno, mas sem a tornar tímida ou pusilanime.

Exhortações, leituras de feitos heroicos e praticas familiares deverão mais tarde cimentar a ideia de que em circunstancias anormais, privações, soffrimentos e até a morte, precisam ser affrontadas quando a necessidade o exige.

Na sensibilidade se filiam outras inclinações pessoas cuja direcção é sempre util.

O amor da propriedade desabrocha na creança com o que lhe é dado para se vestir, educar e divertir.

A primeira manifestação da ideia de propriedade é egoista. É conveniente que partindo se d'essa ideia se consiga que a creança se julgue satisfeita por estar na posse de coisas suas, mas que possam ser uteis aos outros.

Desenvolvam-se tambem os habitos de economia e conservação. Uma outra manifestação sensitiva é o amor da liberdade e independencia.

A principio a creança sente-se fraca e procura o apoio de outrem. Mais tarde porém acha prazer em proceder livremente. Liberte-se gradualmente a creança da tutela até completa liberdade.

Proceder d'outra fórma torna-la-hia indecisa e de vontade preguiçosa.

Conjunctamente com o desenvolvimento da liberdade é conveniente inculcar-lhe a ideia da responsabilidade.

Liberdade e responsabilidade estão sempre na razão directa. Ha educadores que recommendam o desenvolvimento da emulação, e outros que condemnam em absoluto.

A experiencia, porém, prova que ella existe em todos os seres humanos e lhes estimula a actividade.

A emulação deve pois ser aproveitada num systema de educação bem dirigida; um educador attencioso facilmente conhece quando começa a transformar-se em inveja. Da emulação provém o amor da superioridade, que manifestando-se desde as primeiras classes, acompanha o individuo na vida laboriosa e lhe faz conservar nesta o ascendente que adquiriu entre os condiscipulos.

Parallelamente ás inclinações pessoas existem no homem inclinações sociaes; estas porém baseam-se em certo modo naquelas

## Uma reclamação á Camara Municipal de Lisboa



Povo aguardando junto ao edificio da Camara a chegada das commissões delegadas dos patrões e da Associação de Classe dos Cortadores que alli foram reclamar a abolição do limite de talhos

(Clicks de J. Benoit).

na capital

## HOSPEDES ILLUSTRES



O príncipe Alfredo de Loewenstein e o seu secretario nos seus aposentos no Avenida Palace

Quando outros títulos não tivesse o príncipe Alfredo de Loewenstein para o imporem à nossa consideração, bastavam as suas declarações acerca da nossa colonia de S. Thomé que constituem um desmentido de valor opposto a todos aquelles que lá fora nos calunniam, para o tornarem digno do nosso apreço e credor do nosso respeito.

Pouco acostumados a que estrangeiros nos façam a devida justiça, aqui fica a nossa homenagem ao illustre príncipe que durante dias foi hospede da cidade de Lisboa.

las, no sentido em que hão de ter mais ou menos um fundamento egoista.

Fazer bem aos outros é uma prova de superioridade, sob todos os pontos de vista; esta inclinação chama-se benevolencia ou beneficencia.

A mesma base tem o "espírito da corporação", que traz a solidariedade, os "sentimentos de familia e o amor da patria". Todas estas inclinações devem cuidadosamente ser desenvolvidas pela educação e muito principalmente a do amor da patria. Sem elle enfraqueceriam os laços d'uma nacionalidade e em nenhuma idade calam melhor os exemplos de actos heroicos pela patria do que na idade infantil.

## Os doze mezes

**Janeiro.** — O nome d'este mez deriva do latim *Januarius*, palavra que tambem deu origem a um nome proprio do homem, sendo assim chamado em honra de *Jano*, nome a quem os pagãos tributavam grande veneração, reputando o pelo mais sabedor tanto das coisas passadas, como dos successos futuros; e por esta razão o esculpiam com dois rostos oppostos um ao outro, denotando estes dois attributos. A's vezes lhe punham uma cabeça com quatro caras, para significar as quatro estações, ás quaes presidia; e como suppunham que a seu especial cargo estavam as portas do céu, tambem o representavam com uma chave na mão direita. Nem só ao tempo presidia *Jano*, mas egualmente á paz e á guerra, estando durante esta, abertas as portas do seu templo em Roma, e fechadas durante a paz. Em sua honra faziam os romanos mutuos presentes, no dia primeiro do anno, e visitavam se uns aos outros em manifestação de amizade. Esta pratica ainda permanece entre os povos da Europa.

**Fevereiro.** — Em latim *Februarius*, deriva das *festas februaes*, que os romanos celebravam por este tempo em honra de *Juno*, invocado sob o nome de *Februa*, ou deusa das purificações. Immolavam então muitas victimas em sacrificios expiatorios.

Era n'este mez que elles rendiam culto a Fla-

tão, e a outros nunes, como *Termino*, ou *Termo*, divindade tutelar dos marcos, ou balizas dos campos.

**Março.** — Romulo estabelecendo o calendario para a sua recém-fundada cidade, fez a divisão do anno em dez mezes, chamando ao primeiro *Martius*, de Marte, nome da guerra, de quem se intitulava filho. Numa Pompilio, segundo rei de Roma, seu successor, acrescentou os mezes de janeiro e fevereiro, e deixando março em terceiro lugar, tirou-lhe a honra de capitanear o anno. Março, apesar da origem do seu nome, era especialmente consagrado a *Minerva*; e nas calendas d'este mez celebrava o paganismo muitas das suas ceremonias pela primeira vez no anno; nomeadamente o de acender o novo fogo no altar de *Vesta*.

No entanto os romanos o reputavam sinistro para a celebração dos matrimonios

**Abril.** — Deriva do latim *aperire* — abrir — o nome d'este mez.

É o unico dos mezes do anno, cuja denominação faz lembrar a estação em que o collocaram, referindo-se ao abrir das flôres da primavera, e á terra que abre o seu fecundo seio d'onde brota copiosa vegetação. Romulo o instituiu com trinta dias, e o seu successor Numa Pompilio lhe tirou um; porém, Julio Cezar, quando, por conselho de Sossygenes reformou o calendario, lhe restituiu esse dia, ficando com os trinta até ao presente. Era este mez consagrado pelos romanos á deusa *Venus*, chamando-se tambem por isso *mensis Veneris*. — o mez de *Venus*.

**Maio.** — Era o terceiro mez do anno de Romulo, e quinto no de Numa. O fundador de Roma deu lhe trinta e um dias, mas o seu successor reduziu o a trinta; sendo Julio Cezar quem depois lhe restituiu o dia que se lhe tirára.

Os romanos offerenciam no primeiro dia de maio sacrificios a *Maia*, mãe de *Mercurio*, e crê-se que d'ahi veio a denominação d'este mez.

Os antigos representavam maio na figura de um mancebo bem parecido, coberto com uma vestidura branca e verde, bordada com varias flôres, e com um cesto ou grinalda de rosas na cabeça, e um pavão aos pés, ou com uma lyra n'uma das mãos, e um rouxinol na outra.

**Junho.** — Era o quarto mez no primitivo calendario romano, e dedicado á deusa *Juno*, d'onde proveiu o nome. Romulo deu-lhe trinta dias, mas Euma o reduziu a vinte e nove. Quando Julio Cezar reformou o calendario, tornou a restituir a junho o dia que Numa lhe tirára. Foi desde então que ficou sendo o sexto mez do anno, em lugar do quarto que até alli era.

Os antigos representavam junho na figura de um mancebo coberto com um manto de côr verde escuro, corado de varios emblemas, e com um cesto de fruta mettido no braço, tendo na mão uma aguia.

**Julho.** — Este mez chamou-se primeiramente *Quirinalis*, e era o quinto do anno de Romulo. Depois foi esta denominação substituida pela de *Julias*, em virtude de um decreto publicado por Marco Antonio, em honra de Julio Cezar.

Representavam julho debaixo do emblema de um homem nú,

### A missão belga que veio a Lisboa agradecer a El-Rei a representação de Portugal nos funeraes do rei Leopoldo



Da esquerda para a direita: Paul Ladeleer, barão de Fierlant Ladeleer (chefe da missão) e capitão Goris (Clichs de J. Benoit).



Canalejas

Actual presidente do gabinete hespanhol

cujos membros havia crestado o sol, e cujos cabellos ruivos estavam entresachados de espigas, tendo mettido no braço um cabaz de amoras.

Entre as antigas festividades, celebradas neste mez, são notáveis os jogos de Neptuno, os Apollinarios, os de Cicero, e os Minervaes. No dia vinte e oito offerencia-se a Cérés um sacrificio de vinho e mel, e depois matavam-se alguns cães ruivos, em honra da Canicula, para afastar os calores violentos.

Agosto. — No calendario albanico era este mez o sexto, mas no de Numa ficou sendo o oitavo, conservando, porém, o nome de *sestilis* até ao tempo de Octavio Cesar, mais conhecido pelo nome de Augusto. N'esta época o senado, para lhe render a mesma homenagem que tinha rendido a Julio Cesar, decretou que este mez, em que Octavio tomara posse do consulado pela primeira vez, fosse denominado *Augustus*, vindo d'aqui a palavra *Agosto*.

Este mez era consagrado pelos antigos a Cérés, deusa das searas e ceifas. O modo por que mais commumente se representava o mez de agosto era por uma mulher formosa, de avantajada estatura, coroada de espigas de trigo, e com feixes d'ellas mettidas em ambas as mãos.

Setembro. — Conserva este mez o nome que lhe foi dado no calendario albanico, no qual era tambem o setimo. No tempo dos imperadores romanos teve diversas denominações, taes

como *Germanico*, *Antonino*, *Herculeo* e *Tacito*. A posteridade não quiz conservar nenhum d'estes nomes, tornando por isso ao antigo de *Setembro*, posto que desde a época de Numa Pompilio fosse, não o setimo, mas o nono.

Dedicavam-n'o a Vulcano e era tido em Roma pelo primeiro mez do inverno. Representava-se coroado de cachos de uvas brancas e pretas, tendo em uma das mãos algumas espigas, e uma balança.

Representavam-no assim em virtude de ser o mez das vindimas e das ceifas.

Outubro. — Com quanto este mez seja ainda o decimo, como no calendario de Numa, conserva o nome que tinha no albanico, em que era o oitavo. Os romanos dedicavam-no ao deus Marte. Era representado na figura de um homem ceifando trigo; e tambem o pintavam com um cesto de castanhas, e coberto com um manto de cor amarella, alludindo ás folhas das arvores que começam a juncar a terra, cobrindo-a de uma cor pallida.

Novembro. — Ainda conserva este mez o nome que lhe foi dado no calendario de Romulo, onde era o nono. Desde o tempo de Numa até hoje ficou sendo o undecimo.

Era n'este mez que os romanos celebravam as festas *Neptunae* e os *jogos plebeus* que duravam tres dias. Desde o dia 21 até 24 celebravam as *Brunae*, ou festas de inverno. A 27 faziam-se sacrificios mortuarios aos manes dos gallos (francezes) que depois de vencidos tinham sepultado vivos em um dos mercados de Roma.

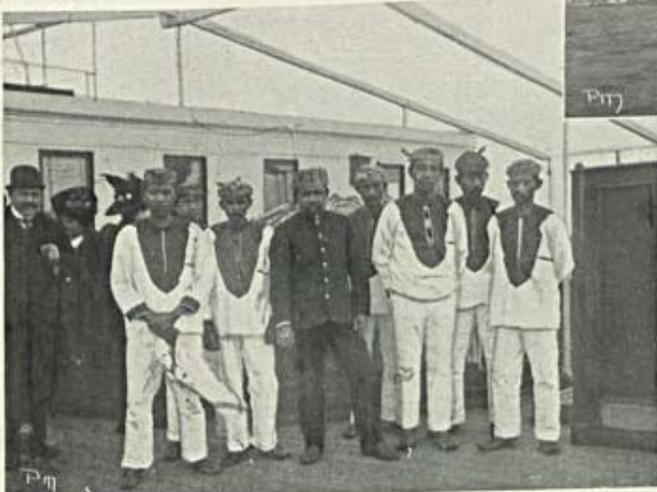
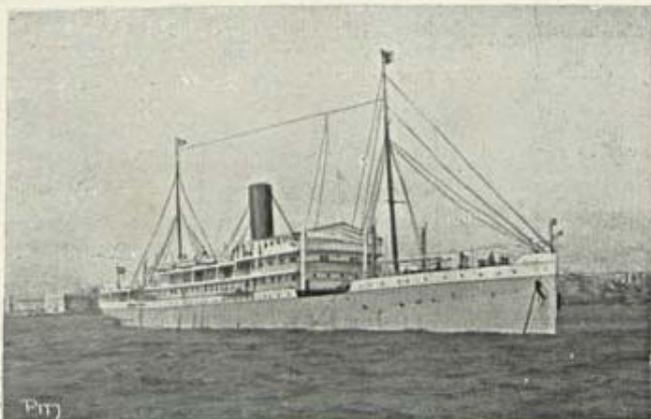
Novembro era representado na figura de um homem com um vestido variegado de verde e preto, coroado de perpetuas, e com um molho de nabos, e cenouras na mão.

Dezembro. — Tendo-se dado ao quinto mez o nome de Julio Cesar (*Julius*) e ao sexto o de Augusto (*Augustus*), o imperador Commodo quiz dar o de *Amazona* ao mez de dezembro. Era em dezembro que os romanos celebravam as festas de Saturno, chamadas *Saturnae*. Emquanto duravam estas festas, os tribunales estavam fechados, eram térias para as escolas, não se começava guerra nenhuma, não se executavam criminosos, nem se exercitava officio algum, salvo o de cozinheiro.

O mez de dezembro representava-se na figura de um velho muito enroupado, encolhido com frio, e com as mãos estendidas para um fogareiro acceso.

O ciúme, a inveja e ambição levam o homem para debaixo do chão.  
— *Proverbio judaico.*

## O vapor hollandez « Tambosa »



Um grupo de tripulantes malaioes

O vapor « Tambosa » e um novo paquete da Companhia de Navegação Hollandesa *Rotterdamsche Lloyd* destinado especialmente á carreira da India, fazendo escala pelo nosso porto, onde esteve em 18 do mez findo, trocando-se a bordo brindes entusiasticos a Portugal e á Hollanda, ao exercito e imprensa portugueza, etc. O novo vapor tem magnificas accomodações para 105 passageiros de 1.ª classe e 158 de 2.ª

## Aromatographia

Se alguma vez tentasse, ó minha doce amada!  
Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,  
Não iria pedir — bucolico Dirceu —  
A' neve, a rosa, ao lirio, a tinta delicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,  
O ébano, o marfim, o sol, o azul do ceu  
Nada tinham que dar-me, oh fouveiro escarceu,  
Flamma alongada em lago, onde a minha alma nada!

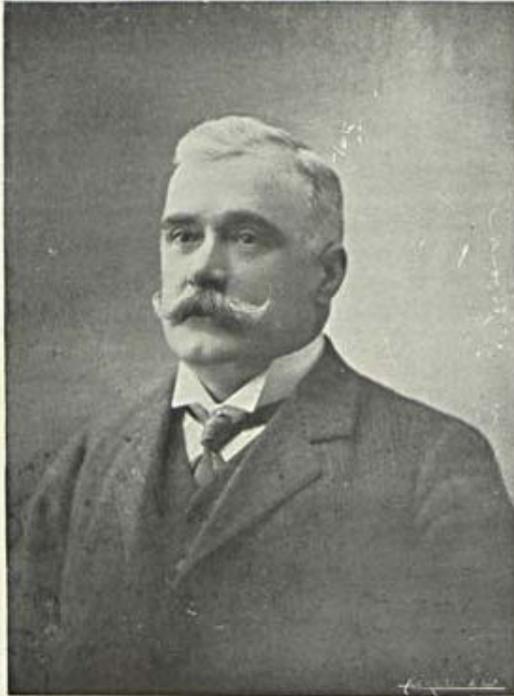
Perfumes na paleta, em vez de tintas pondo,  
Derramára o beijoim no teu seio redondo,  
N'essa bôcca a mordente escalônia; e no olhar,

A magnolia, que lembra um antartico mar;  
E a rajada do sul, impregnada de aromas,  
Pintára o turbilhão das tuas negras cômas!

Manuel Duarte d'Almeida.

## Instituto de cegos de Lisboa

**N**a visita que ha dias fizemos a essa instituição benemerita ficámos maravilhados de ver attingir taes proporções a iniciativa particular. E pelos olhos nos passou a visão do que seria a vida nacional nos variadissimos ramos da sua actividade se homens



**Branco Rodrigues**

*Fundador dos Institutos de Cegos de Lisboa e Porto*

como Branco Rodrigues, do seu valor, da sua honestidade, da sua inquebrantavel força de Vontade, se resolvessem a exercer a sua função social no mecanismo da nação portugueza.

E' modelar o Instituto de Cegos de Lisboa. E não ha consolação maior para quem sabe ver, sentir e compulsar a vasta miseria huma-

na, do que assistir a uma d'essas sessões em que esses pobres destituídos da vista conseguiram, pelo mais aperfeiçoado de todos os systemas, substituil-a por completo pela educação do tacto, que os leva a distinguir os minimos objectos, a ler, a escrever, a compôr á machina, a manufacturar cousas delicadas, a catalogar livros, a vi-



**Instituto de Cegos de Lisbôa**

*Officina de gaiolas*

ver, emfim, e mais ainda, alegres e felizes, como se da vista fossem dotados.

O ministro do reino e o presidente da municipalidade visitaram, depois de nós, esse pio estabelecimento, e nas palavras que lá deixaram registadas, não significaram maior admiração e louvor que os que n'esta pagina hoje tributamos ao Instituto dos Cegos e a quem o fundou e o dirige.



**Instituto de Cegos de Lisbôa** — *Um grupo de alumnos*



## Respostas

*Lucia Bella.*— Não lhe vejo remedio, minha senhora. A dignidade de v. ex.<sup>a</sup> soffria menos fingindo não saber!

Isso não prova menos valor da sua parte, prova simplesmente não lh'o saberem dar. Pelo correio enviarei a v. ex.<sup>a</sup> o nome do livro que todos os dias deve ler para seu conforto. E creia que nunca as suas cartas me aborrecem.

*J'y pense, S. Thomé.*— Força de vontade para se dominar é o preciso, e não pensar em coisas que pôde ser não virem nunca a dar-se!

Para o que quizer mande v. ex.<sup>a</sup>

*Cacilda.*— "Oh êtes vous? Il faut ne pas oublier les amies."

*Julia, Porto.*— Ainda não.

*Maria Amália, Porto.*— Os vestidos pretos são bonitos sempre e não dão nas vistas. Mas nova como v. ex.<sup>a</sup> é, devia preferir talvez outra côr.

*Crème,* por exemplo. Pode levar na cabeça umas flores miudas e finas. Accacias, jasmíns, malmequeres, margaritas, qualquer d'estas flores dá um lindo enfeite para o cabelo. Se o vestido fôr decotado pôde ter no decote uma grinalda egual.

*Juca, Lisboa.*— Ainda bem que está feliz. Nada tem a agradecer. Verá que se não ha de arrepende nunca de ter seguido este conselho. Em todas as cousas da vida o mais difficil é encarar a realidade e fazer-lhe frente. Quasi sempre se vence.

O desalentó em uma pessoa da sua idade, não tinha explicação.

*Maria, Guarda.*— Acho preferivel uma pequenina cama de ferro. E' higienica, é barata e é commoda. E o lavatorio egual com espelho.

Sobre o resto escrevo pelo correio.

*Maria, Porto.*— Não, minha senhora. Luiza pôde indicar alguma casa conhecida e séria, mas v. ex.<sup>a</sup> tem de entender-se para lá directamente.

Não me parece que o *édredon* feito em casa saía mais barato.

*Açucena.*— Da melhor vontade. Mande v. ex.<sup>a</sup> quando quizer. E sobre o resto consulte v. ex.<sup>a</sup> um bom medico. O que deve é seguir a sua opinião e fechar os ouvidos a tudo mais.

*Encanecida.*— Não lhe vejo vantagem nenhuma. O tempo corre para todos. E a illusão é passageira.

*Melita.*— Uma boa temporada no campo, e bons livros. Verá v. ex.<sup>a</sup> como fica saudavel e alegre!  
E' um remedio santo.

*Mag.*— Os livros a que v. ex.<sup>a</sup> allude são muito bons e logo que possa enviarei a lista que me pede.

*Aíram, Cintra.*— Depende das suas amigas a vida mais ou menos longa do consultorio.

Se este primeiro numero fôr recebido com o caminho que suas cartas lhe consagram vae longe... se não, acaba!

*D. Luz, Castello.*— Não acredite v. ex.<sup>a</sup> n'essas cousas, são superstições e... não passam d'isso. Experimente a reagir e verá.

*Bellina.*— E' muito bonito. Tem v. ex.<sup>a</sup> uma habilidade rara e deve aproveitá-la.

*Alma, Goa.*— Quando quizer. Deve ter recebido em todos os paquetes. O peor é a demora.

Quanto ao mais tudo é possível.

*Roxane.*— "Je me rapelle à votre bon souvenir."

*Antonio, Lunda.*— Esqueceu logo os bons amigos?

*Edith Widney.*— A's ordens de v. ex.<sup>a</sup>

*Camponia, Barcellos.*— V. ex.<sup>a</sup> tem muito espirito e não deve entristecer-se assim. Sabe que este meio tão seductor não é de molde a satisfazer-a? E se não, verá, quando um dia aqui vier.

Os livros de Historia e de viagens, que os ha interessantissimos, são optimos para esse estado de espirito.

*Republicana.*— Da melhor vontade. Luiza não tem partido politico; é um espirito amigo das suas consulentes e que faz quanto pôde para as satisfazer. Quanto ao resto não acredite v. ex.<sup>a</sup> tudo.

Posso garantir-lhe não haver ahí uma unica verdade.

*Lou lou, Faro.*— Nem mais nem menos. Tal qual! Muito obrigada a v. ex.<sup>a</sup> por tudo. Achei lindo.

*Lisette.*— B. S. Conhece-se facilmente.

Envio o catalogo.

De Schuman ha a musica que v. ex.<sup>a</sup> deseja. De Grieg não. Deve ser engano.

*Francesca.*— Lembro-me perfeitamente.

Nem as cartas de v. ex.<sup>a</sup> podem esquecer a ningnem.

Agradeço muito as amabilidades devidas simplesmente á bondade de v. ex.<sup>a</sup>

*Magdalena, Bardez.*— Na agencia catholica encontra v. ex.<sup>a</sup> tudo o que n'esse genero desejar. Pode v. ex.<sup>a</sup> dirigir-se para lá directamente.

*L. M., Villa Isabel, Rio de Janeiro.*— A correspondencia pode ficar agora assim organizada. Emquanto ao mais parece-me haver ainda tempo. V. ex.<sup>a</sup> dirá o que entender.

*Lourdes.*— Prefiro o azul. A capa é bonita, mas o chapéu não. Não se pôde usar a *moda toda* porque de repente passa e ás vezes não faz arranjo ter de substituir logo as cousas.

Com respeito á pergunta *confidencial* parece-me receio exagerado da parte de v. ex.<sup>a</sup> Nem a creatura pensará em tal. E sabe? O melhor é não lembrar as cousas! A maior parte das pessoas são *creanças grandes* e é preciso tacto para viver em paz.

Lembre-se v. ex.<sup>a</sup> de que a *paz* é a maior felicidade da vida.

*Gabriella, C. D.*— Acho que deve aproveitar. O mais é uma *illusão*... Creia v. ex.<sup>a</sup> isto.

*Cosinheira.*— O nome é engraçado. Mas sabe que tem muito bom gosto? E' bom saber de tudo. Fique certa de que responderei a todas as suas perguntas no *nosso consultorio*. Sómente, tem de ser a cada uma por sua vez. A primeira já lá vae na *secção de cosinha*.

Veremos se lhe convem.

*Noiva.*— O enxoval não tem numero de peças designado. Cada pessoa compra como pôde e quer. Mas na roupa branca o preciso é reparar para a sua duração. Porque nem sempre a roupa mais bonita é a melhor. Boa e singela é ainda o mais elegante. O casaco de abafar acho indispensavel. Vestidos em corte, só lisos. Do contrario arrisca-se a terem passado de moda os padrões, quando os mandar fazer. Quanto ao mais, prefiro o linho á seda. Mas qual-quer dos tecidos é bom.

Mandei pelo correio o que pedia.

E parece-me que ha de gostar.

*Virginia.*— De modo nenhum. Tudo liso.

O livro acho lindo. A' outra pergunta respondo pelo correio.

*Elba, Lisboa.*— Ser humilde não é ser *réles*, minha senhora. Não deve envergonhar-se d'isso. O seu valor pessoal é que a ha de elevar, senão para o mundo pelo menos *para si*.

Lembre-se sempre d'isto.

*Victory.*— As almas superiores impõem-se sempre, minha senhora.

*Maria do Céu, F. F.*— Nem tudo se pôde ver através do nosso coração!...

## Conversando

Eu não sei como hei de agradecer ás minhas amigas as provas de ternura, de amizade e de carinho que me testemunharam, emquanto por motivos alheios á minha vontade estive afastada do seu convívio espirital. A todas respondi opportunamente pelo correio... mas houve algumas, cujas moradas e verdadeiros nomes ignorava. Por essa razão irei successivamente respondendo ás suas cartas e pondo com a maior alegria em ordem a minha correspondencia.

Já tenho uma sala onde receber as suas ordens...

# A MODA



ão póde ainda precisar-se qual será a moda d'este verão — no entanto tudo faz prevêr que as saias com *empicement* terão a primazia.

Muitos vestidos começam a ter uma especie de segunda saia da maior elegancia. Outros uma banda em préguas e folho alto preguado.

As saias para a noite continuam a usar se compridas.

Os tecidos adoptados para os vestidos de passeio, genero *tailleur*, de casaco curto ou comprido, fazem-se em sarja liza ou de riscas largas, em panno setim, panno

amazona, panno zibelina. E em côres variadas, predominando o verde, o *prune* e o castanho.

Para a noite a variedade de côres é extraordinaria, voltando a usar-se o verde claro, o côr de rosa pallido, o azul desmaiado. E sendo de rara elegancia as côres mortas, esbatidas . . .

Adoptam-se os entremeios de renda ao comprimento da saia, os folhos altos, levemente franzidos. Os corpetes abertos em redondo ou em quadrado, com camizinhas transparentes em cassa, em renda ou em tulle, branco, crême, prateado, dourado, conforme o gosto. Tulle mesmo em côr. As mangas usam-se curtas por cima do cotovello com *manchettes* largas e compridas apertadas com punhos estreitos.

Voltam a usar-se no verão as blusas e saias com cinto, saias de setim maravilhoso e blusas de renda. Blusas de surah de pongé de cassa, chemisettes de linon, de zéphir de cambraia com *valenciennes*.

Fazem-se tambem, para as saias boas, uns corpinhos eguaes, abertos, bem talhados que postos por cima das blusas, dão um ar *habillé* ás toilettes; e parecem vestidos *demi-princesse*.

Os vestidos *princesses* continuam em voga e são elegantissimos. — Daremos alguns modelos.

Os chapéus tendem a continuar redondos com abas forradas de velludo e largas plumas, ou pennas. Usam-se, mesmo, laços.

Ha quem affirme que a *grande moda* será o chapéu *Chantecler* en-

feitado a penna de gallo e com pequenas cabeças d'essas aves. Essa moda porém será passageira e pouco vulgarisada, por dar logo na vista. Em genero penteados o mais singelo é o mais bonito. Para lindos cabelos as grandes tranças em volta da cabeça e o *calot* natural; tranças ou *torsades*.

Para quem tem pouco cabelo, então vale a pena o *calot* mais ou menos farto e separado da cabeça, atraz.

O cabelo aberto ao meio, em *bandeaux* singelos, moldados á 1860, ou em poupa, redonda. Usa-se tambem o cabelo recolhido quasi mettido debaixo do *calot* e duas poupas pequenas puxadas adeante. Temos ainda os caracosos pequeninos e os *chichis* postos com mais ou menos arte.

Parece que em breve virão os *canudos* cahidos aos lados como antigamente.



Vestido de passeio em voile de la verde-bronze



Blusa de guipure, genero Irlanda, saia de setim maravilhoso



Vestidos e penteados elegantes da ultima moda

Os sapatos continuam a usar-se á americana para passeio e á Luiz XV. para baile. Em verniz ou pelica. A meia da côr do sapato. E para vestido de baile o sapato em setim da côr do vestido.

Nas chemisettes e blusas d'uso, as mangas são compridas, inteiras. Os casacos curtos têm em alguns modelos um ar de blusa

## DIPLOMACIA INFANTIL

Um rapaz da sociedade tomava o seu café no terrasso de um hotel. E n'outra mesa, um pouco mais distante, encontrava-se uma linda



Tavira. — O Rio da Azseca

russa—outros são direitos, lisos como os antigos. E ainda outros com os quartos talhados em feitio e alguns abertos abotoados só com um botão.

Requerem estes galões e botões bons e bonitos.

No proximo numero falaremos tambem nos vestidos de baile e nos *deshabillés* tão necessarios no verão.

## Variedades

### ESPERANÇA (1)

Quasi todas as pessoas mais, ou menos, soffrem d'esta ou d'aquella doença real ou imaginaria! E não raras vezes, veem a morrer de cousas que de forma alguma se relacionam com aquellas de que esperavam acabar.

O melhor a fazer, n'essas circumstancias, é, cada um ouvir e attender o conselho do seu medico.

Quando, porém, se veja obrigado, pela necessidade, a fazer tratamentos incommodos, uma das principaes cousas para não soffrer tanto é pensar o *menos possivel* no remedio ou regimen a seguir! — E conseguindo isso, tem uma boa parte da doença vencida! Quantas vezes o espirito está mais doente do que o corpo?

Dizia um medico muito engraçado:

— O melhor é fazer testamento *todos os annos!* Porque, á primeira constipação que *peça cama*, escusa cada um de estar com esse trabalho!

O medico tinha razão. E' bom não deixar para amanhã o que se pôde fazer hoje. Por esses addiamentos, tem havido no mundo grandes injustiças, que seriam o tormento eterno d'aquelles que, por desleixo, as determinaram, se, do outro mundo, as pudessem presenciar!

Nada mais sensato, nada mais prudente, do que ter sempre escriptas as suas determinações, embora hajam de ser alteradas.

Quantas vezes, sem doença alguma apparente, uma pessoa adormece... e não acorda? E quantas outras um doente desconsolado, *convencido* de que morre, de uma hora para a outra... começa a melhorar... e se cura?

Desanimar é o peor que ha! — E torturar os enfermeiros uma inconsequencia imperdoavel... Porque sendo alheios fazem tudo o peor que *podem*... E, da familia, com rarissimas excepções, chegam a sentir *alivio*... com a morte da pessoa!

Uma tristeza!...

viuvinha com uma pequenita, que, n'este momento, brincava com uma pélla.

Pouco depois a pélla vinha correndo até aos pés d'elle, onde a dona, se apressou a ir buscal-a. Como era natural, o rapaz curvou-se para afagar a pequenita e esta levantando a cabecinha perguntou:

— Como se chama?

— Thomaz, minha menina.

— E é casado?

— Não, minha filha, sou solteiro.

A pequena de repente volta-se para a mãe e pergunta:

— Mãesinha, o que era a outra cousa que me disse para perguntar?.....

### THEATROS. — D. AMELIA — *Vertigem*



Uma scena do 4.º acto

(1) Esta secção é dedicada aos doentes.



## Theatros

**D. Amélia**, *A Vertigem*, peça em quatro actos original de Augusto de Castro — **Gymnasio**, *O Dr. Zebedeu*, comédia em tres actos original de Xavier da Silva e João Bastos — **Colyseu dos Recreios** — **Avenida** — **Trindade**.

*A Vertigem* do sr. Augusto de Castro, que a critica tem tratado benevolamente, tem grandes qualidades e grandes defeitos, sendo o maior de todos uma desmedida complicação de sentimentos e de si-

xão, bem como Chaby Pinheiro no *Chico*, Henrique Alves, Carlos de Oliveira, n'um ingrattissimo papel de que se defendeu muito regularmente, e Raphael Marques, optimamente caracterizado. Do elemento feminino poremos em primeiro logar Maria Falcão, que foi a grande actriz de sempre, encarnando-se no papel da esposa infiel, de forma a fazer-se applaudir com justiça. Luz Velloso, muito bem, assim como Jesuina Saraiva, Zulmira Ramos e Elvira Costa.

Deram-nos os srs. Xavier da Silva e João Bastos mais uma comedia em tres actos intitulada *Dr. Zebedeu*, que é um verdadeiro successo de gargalhada. E' impossivel descrever a série de situações engraçadissimas que atravessam toda a peça, bem como o enredo que de scena para scena se embrulha com immensa originalidade e verve. *O Dr. Zebedeu* subiu á scena no **Gymnasio** em recita do actor Augusto Machado, que n'ella tem um dos seus melhores trabalhos. Valle e Cardoso deram-nos dois typos excellentes, respectivamente no *Dr. Zebedeu* e no *Miguel Carneiro*. Contribuíram tambem para o bom exito Laura Hirsch, Rosa de Andrade, Palmyra Ferreira, Virginia Farrusca, bem como Vieira Marques e Pedro Machado, este ultimo n'uma pequena rabelia de um *homem do gaz*, que sublinhou com arte e com observação, pelo que o felicitamos. Vê-se que estuda e tem vontade.

Pelos outros theatros nada de novo que mereça registro. No **Colyseu dos Recreios** os pequenos cantores continuam a agradar em extremo, tendo obtido ultimamente um justo successo na *Viuva Alegre* e no *Barbeiro de Sevilha*, falando-se para breve na *Tosca* e

### THEATROS. — D. AMELIA — *Feira do diabo*



O «cane-walk» do cacau

tuações. D'ahi não resalta nitida a idéa do auctor, não obstante vir sempre envolvida n'uma linguagem cuidada e brilhante, que de facto constitue o merito da *Vertigem*, a qual não conseguiu fazer carreira no **D. Amélia**, onde outros trabalhos de Augusto de Castro tinham conquistado os applausos do publico.

Salientam-se no desempenho: Augusto Rosa, que representou superiormente o papel de *Fernando Lino*, o amigo do marido infeliz, e Azevedo que se houve com muita correcção n'este ultimo, tendo scenas felicissimas. E' um bello trabalho que merece ser registado. Antonio Pinheiro deu-nos um typo curioso de guarda-livros, o seu Pai-

outras operas conhecidas. O **Avenida** annuncia-nos uma grande companhia de zarzuela, na **Trindade** trabalha-se activamente na *Moira de Silves*, do director d'esta revista, o sr. Lorjô Tavares.

Ao fim de vinte annos é pela primeira vez representada em reprise esta peça, que offerece duas grandes novidades: a reaparição de Alfonso Taveira e Medina de Sousa. A *Moira de Silves* vae ser posta com brilho e desusado luxo.

Na **Rua dos Condes** e **Principe Real** o *Fado e Maxixe* e *Sol e Sombra* são o prato de resistencia, são as duas revistas que mais tem agradado nos ultimos tempos.

Ruy.

### D. Amélia. — *Feira do diabo*



(Cliché de J. Benollel).

Verdades e mentiras